

# **Dr. Robert A. Peterson, A Obra Salvadora de Cristo, Sessão 16, 6 Imagens de Cristo, Parte 3, Substituição Penal**

© 2024 Robert Peterson e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. Robert Peterson em seu ensinamento sobre a Obra Salvadora de Cristo. Esta é a sessão 16, Seis Imagens de Cristo, Parte 3, Substituição Penal.

Continuamos nosso estudo da Obra Salvadora de Cristo.

Estamos lidando com a imagem, a metáfora da substituição penal, especificamente objeções contra ela, e respondendo a essas objeções. A objeção número seis alega que a substituição penal coloca o pai contra o filho. Green e Baker se opõem a formas pouco sofisticadas de substituição penal quando escrevem, entre aspas, qualquer teologia da expiação que assuma contra Paulo que na cruz Deus fez algo a Jesus é uma afronta à doutrina cristã do Deus trino, entre aspas.

Novamente, Green e Baker recuperam o escândalo da cruz, desta vez da página 57. Eles se opõem a visões que apresentam Deus como sujeito e Cristo apenas como objeto. Mas os proponentes ponderados da substituição penal não fazem isso.

Ouçã Stott, citação, nunca devemos fazer de Cristo o objeto da punição de Deus ou de Deus o objeto da persuasão de Cristo. Pois tanto Deus quanto Cristo eram sujeitos, não objetos, tomando a iniciativa juntos para salvar pecadores. Sem entrar em grandes detalhes sobre esse ponto, ouça Williams novamente.

Há, portanto, testemunho bíblico da ação do pai em relação ao filho, especificamente em colocar iniquidade sobre ele e condená-la nele. Para declarar o que deveria ser óbvio, ele puniu o pecado que havia sido transferido para Cristo, não considerou Cristo em si mesmo, com quem neste mesmo ato ele estava muito satisfeito. Objeção número sete, a substituição penal supostamente negligencia a vida de Jesus.

Ao falar contra a substituição penal, Gregory Boyd confessa, entre aspas, eu francamente luto para ver como isso é relevante para qualquer outro aspecto da vida e ministério de Jesus. Quatro das passagens estudadas nessas palestras conectam a vida sem pecado de Jesus com sua morte na cruz, que é considerada uma substituição penal. Nós vemos isso em Isaías 53, onde o servo é sem pecado em ação, palavra e caráter, e certamente, Isaías 53 apresenta a substituição penal.

Ele não fez violência, não houve engano em sua boca, ele é o justo meu servo, Isaías 53 versículos 9 e 11. O mesmo servo sem pecado sofre no lugar dos outros,

suportando o sofrimento que eles merecem, como Isaías diz, duas vezes. E ele levará as iniquidades deles, mas ele levou o pecado de muitos, Isaías 53 versículos 11 e 12.

Pedro, Paulo e João afirmam a mesma verdade. Paulo, por nós, ele o fez pecado, que não conheceu pecado, para que nele fôssemos feitos justiça de Deus, 2 Coríntios 5:21. Pedro, porque também Cristo sofreu pelos pecados, desculpai-me, o justo pelos injustos, para levar-nos a Deus, 1 Pedro 3 18.

Então João fala de Jesus Cristo como o justo. Ele é uma propiciação pelos nossos pecados, e não somente pelos nossos, mas também pelos pecados do mundo inteiro, 1 João 2 1 e 2. Observe como cada apóstolo fala da vida terrena sem pecado de Cristo. Paulo chama Jesus de aquele que não conheceu pecado, 2 Coríntios 5:21.

Pedro o chama de o justo, 1 Pedro 3:18. E João, Jesus Cristo, o justo, 1 João 2:1. Observe também como em cada um desses textos, os três apóstolos falam da vida de Cristo enquanto ensinam a substituição penal. Esta objeção à substituição penal é, portanto, sem mérito.

Objeção número oito, não há lugar para a ressurreição de Cristo. Os oponentes da substituição penal insistem que, citação, por causa do foco singular na satisfação penal, a ressurreição de Jesus não é realmente necessária de acordo com este modelo. Green e Baker, recuperando o escândalo da cruz.

Admito que os proponentes da substituição penal nem sempre deram atenção suficiente à ressurreição de Jesus. Mas o abuso de uma doutrina não desmente a doutrina. Farei um argumento exegético e um teológico.

Primeiro, o argumento exegético. É bem sabido que os temas legais de substituição e justificação andam juntos. Paulo os conecta à ressurreição de Jesus quando fala de Cristo, nosso Jesus, nosso Senhor, que foi entregue por nossas transgressões e ressuscitou para nossa justificação.

Romanos 4:24-25. Porque a maldição resultante do pecado de Adão foi penal, trazendo a morte, sua reversão também é penal, trazendo a vida. Essa reversão envolve a morte vicária e a ressurreição de Jesus.

Marshall faz exegese de Romanos 4:25. Na cruz, a condenação do pecado por Deus é demonstrada e executada. Cristo carrega o pecado, e então Deus declara que o pecado foi tirado.

E Cristo é representativamente justificado para que aqueles que creem e estão unidos a ele compartilhem de sua justificação. Portanto, a ressurreição é essencial para o ato salvador, pois não é meramente Deus dizendo que Cristo fez o que é

necessário. Em vez disso, o próprio Deus tem que executar o ato de perdão com base no que Deus fez, e ele o faz.

Assim, Cristo foi ressuscitado para nossa justificação, e sem essa ressurreição de Cristo, não seríamos justificados. O segundo é o argumento teológico. A grande maioria dos teólogos reformados ensinou que a obediência ao longo da vida de Cristo ao Pai e à lei é parte de sua obra salvadora.

Como Jeffrey, Ovi e Sack argumentam, “isso se integra perfeitamente com a doutrina da substituição penal. A justiça da vida de Jesus foi imputada a nós para que pudéssemos ser justificados ou declarados justos por Deus e permanecer puros e irrepreensíveis diante dele — objeção número nove à substituição penal. Não pode explicar o escopo cósmico da morte e ressurreição de Jesus. Joel Green escreve, entre aspas, um foco exagerado em uma expiação objetiva e na salvação como transação obscurece as dimensões sociais e cosmológicas da salvação.”

Críticos têm reclamado que a expiação substitutiva está tão preocupada com a salvação de indivíduos que desvia a atenção da história bíblica maior, que envolve a redenção do cosmos que Deus criou. Enquanto as escrituras insistem que o relacionamento de um indivíduo com Deus é uma questão próxima ao seu coração, o Filho de Deus me amou e se entregou por mim. Gálatas 2:20, por exemplo, as escrituras também estão preocupadas com a libertação da criação da maldição. A própria criação será libertada de sua escravidão à corrupção, Romanos 8:21. O que essa libertação tem a ver com a substituição penal? A resposta é muito.

A maldição resultante da queda de nossos primeiros pais foi penal. As maldições que Deus pronuncia sobre a serpente Adão e Eva e o solo foram todas penalidades pelo pecado primordial. O resultado foi desordem em todos os lugares entre os seres humanos e no resto da própria criação.

Paulo explica, “a criação foi submetida à futilidade, e toda a criação geme juntamente com dores de parto até agora,” Romanos 8:20 e 22. O fim da história bíblica revela que a maldição foi removida, citação, não haverá mais nada amaldiçoado, Apocalipse 22:3. O que ocorreu para livrar a criação da maldição de Deus? A resposta bíblica é que Cristo morreu e ressuscitou para remover a penalidade sobre a criação. O remédio de Deus para a maldição penal sobre a criação é a substituição penal do Filho.

Ouçá Williams novamente, que fez um trabalho tão notável nessa área, citar, a substituição penal ensina que na cruz, o Senhor Jesus Cristo esgotou a maldição desordenadora em nosso lugar. É por essa razão que pode haver ressurreição e nova criação porque os obstáculos a ela foram removidos. A substituição penal é, portanto, o pré-requisito para uma forte doutrina da ressurreição e como o começo da nova criação, não uma detração dela.

Se a penalidade não tivesse sido suportada por Cristo, então a criação ainda estaria sob a maldição, ainda interrompida e incapaz de ser renovada. Objeção 10. A substituição penal prejudica o desenvolvimento moral na vida dos crentes.

Uma crítica comum aos oponentes da substituição penal é resumida por Green, “o modelo predominante da expiação focado como está no indivíduo no julgamento forense é um obstáculo para uma soteriologia completa orientada para a santidade da vida. A obra da salvação como transformação não está relacionada à obra expiatória de Cristo?” Mas tais objeções ignoram o elo entre substituição e união com Cristo, o coração da aplicação da salvação.

A união com Cristo é essencial para a substituição penal, pois estabelece a justiça da transferência do nosso pecado para Cristo. Como John Owen explicou, e eu cito, “Deus pode punir os eleitos em suas próprias pessoas ou em sua garantia, seu representante em seu lugar. E quando ele é punido, eles também são punidos. Pois, neste ponto de vista, a cabeça federal, Cristo, e aqueles representados por ele não são considerados distintos, mas como um. Embora não sejam um com relação à unidade pessoal, eles são, no entanto, um. Esse é um corpo em união mística, sim, um Cristo místico. Ou seja, a garantia é a cabeça, e aqueles representados por ele são os membros. E quando a cabeça é punida, os membros também são punidos.”

Owen está correto. As Escrituras unem a expiação de Cristo e a vida cristã em virtude da união com Cristo. Williams explica que a ideia de estar unido a Cristo em sua morte é integral à substituição penal.

A união com Cristo explica a justiça da transferência do pecado para Cristo. Se morremos com ele como ele morreu, como ele suportou nossa penalidade pelo pecado, então devemos nos considerar mortos para o pecado. A doutrina fundamental da união com Cristo forja um elo indissolúvel entre a substituição penal e a santificação pessoal.

Williams, é claro, está aludindo a Romanos capítulo 6. O último argumento contra a substituição penal é que é abuso infantil cósmico. Esta última objeção pressupõe que é errado para um pai infligir dor a uma criança e que, no entendimento cristão tradicional, o pai infligiu dor a Cristo na cruz, dando assim um exemplo injusto que promove o abuso. Há uma série de problemas com esta visão.

Primeiro, Jesus era um filho, mas não um menor quando morreu. Segundo, Jesus morreu para trazer glória a si mesmo, por exemplo, em João 17:1, e para salvar seu povo, Romanos 5 8, bem como glorificar o Pai. Em contraste, o abuso infantil é direcionado somente para a gratificação do abusador.

Terceiro, essa crítica à substituição penal é equivocada porque falha em reconhecer que a iniciação da cruz foi uma decisão da Trindade. O filho morreu voluntariamente para resgatar os perdidos. Em Cristo Deus, o pai estava reconciliando o mundo consigo mesmo, 2 Coríntios 5:19 .

Howard Marshall ilustra bem o ponto. Um pai que se coloca na brecha e morre para salvar seu filho de uma casa em chamas é considerado louvável. O Deus que sofre e morre na pessoa de Jesus pelo pecado humano pertence à mesma categoria.

É verdade que o conceito de Deus Filho sofrendo e morrendo é um paradoxo e incompreensível, e temos que reconhecer esse fato, mas é isso que as escrituras dizem. Fechar citação, teologia de Marshall do Novo Testamento. Quarto, quando oponentes da substituição penal usam essa crítica, eles devem lembrar que, por maior que tenha sido originalmente apresentada por feministas radicais, ela atacou não apenas a substituição penal, mas a doutrina cristã da expiação em geral.

Ouçã Joanne Carlson Brown e Rebecca Parker, “A imagem central de Cristo na cruz como o salvador do mundo comunica a mensagem de que o sofrimento é redentor. Essa mensagem é ainda mais complicada pela teologia que diz que Cristo sofreu em obediência à vontade de seu pai. O abuso divino de crianças é exibido como salvífico, e a criança que sofre sem nem mesmo levantar a voz, uma alusão a Isaías 53, é louvada como a esperança do mundo.” Se aceito, esse argumento prova demais.

A análise de William está correta. Como feito originalmente, o ataque feminista radical à cruz como abuso infantil cósmico não é apenas um ataque à substituição penal, mas à cruz. A ideia geral, essa crítica à substituição penal ataca a ideia geral de que o pai desejou o sofrimento do filho, não a ideia específica de que ele desejou o sofrimento substitutivo penal do filho.

Para muitas feministas, suas críticas resultam na rejeição do cristianismo porque a religião inegavelmente envolve a ideia de que Deus propôs os sofrimentos de Cristo. No final, propôs o sofrimento redentor, que é considerado inaceitável. O cristianismo tem que acabar.

Fechar citação. E eu quero ser muito cuidadoso. Não entenda mal.

Não estou acusando evangélicos e outros que usam o argumento divino do abuso infantil de necessariamente abandonar a fé cristã ou defender o feminismo radical. Estou apontando, no entanto, que eles têm companheiros de cama estranhos, para dizer o mínimo. Se pressionado, esse argumento leva à rejeição não apenas da substituição penal, mas do próprio cristianismo.

Sou grato que meus irmãos e irmãs que se opõem à substituição penal pelo evangelicalismo não levem isso a esse ponto, mas esse fato sugere que seus

proponentes evangélicos precisam repensar esse argumento — juntando as coisas, resumindo a substituição penal. Há muitos textos que ensinam isso.

Por causa de sua importância e ataques contra ela, lerei apenas as referências. Gênesis 8:21, Êxodo 12:13 e 34:6 e 7. Levítico 1:9, 2:1 e 2:3-5. Levítico 4:29 e 31. Levítico 16:21, 22, o grande dia da expiação. Isaías 52:13, 53:12. Marcos 10:45. Romanos 3:25, 26. Romanos 8:1-4. 2 Coríntios 5:21. Gálatas 3:13. Colossenses 2:14. 1 Pedro 2:14 e 3:18.

1 João 2:2 e 4:10. Como já dissemos, a esfera desta imagem é a lei e envolve tribunal, juiz, acusador, veredito do acusado, condenação, justificação e adoção. Tanto justificação quanto adoção são imagens legais.

Uma ocorre no tribunal criminal e outra no tribunal de família, mas ambas são legais dessa forma. O contexto do Antigo Testamento inclui um aroma agradável ao Senhor, o cordeiro da Páscoa, o caráter de Yahweh em Êxodo 34, 6 e 7, os dois bodes no dia da expiação e o servo sofredor de Isaías 53. Definição.

Tom Schreiner define bem a substituição penal. O pai, por causa de seu amor pelos seres humanos, enviou seu filho, que se ofereceu de boa vontade e alegria, para satisfazer a justiça de Deus para que Cristo tomasse o lugar dos pecadores. A punição e a penalidade que merecíamos foram colocadas sobre Jesus Cristo em vez de nós para que na cruz, tanto a santidade quanto o amor de Deus fossem manifestados.

A necessidade de substituição penal. A necessidade da humanidade por Cristo, nosso substituto penal, é nossa culpa diante de um Deus justo e santo. Por causa do pecado original de Adão e de nossos próprios pecados atuais, somos condenados diante do tribunal de Deus.

Romanos 5:12 a 19, e mesmo antes daquela passagem do pecado original, Romanos 1:18 a 3:30, mostra pecados atuais como condenáveis. Em uma palavra, a necessidade é nossa merecida condenação devido ao nosso pecado, tanto o de Adão quanto o nosso. Iniciador.

O iniciador da substituição penal é sempre Deus, às vezes o pai. Isaías 53, 10, Romanos 3:25, Romanos 8:3, 2 Coríntios 5:21, Colossenses 2:14, 1 João 4:10, e às vezes o iniciador da substituição penal é o filho. Isaías 53:12, Marcos 10:45, Gálatas 3:13, 1 Pedro 2:24 e 3:18.

Mediador. O mediador, nosso substituto penal, é Jesus Cristo. Texto após texto apresenta Jesus como o mediador da substituição legal.

Vou escolher apenas cinco entre muitos. Cinco de diferentes autores das escrituras. Isaías 53:11 , pelo seu conhecimento, assim o justo meu servo fará com que muitos sejam considerados justos e ele levará sobre si as iniquidades deles.

Marcos 10:45, pois até o Filho do homem veio para dar a sua vida em resgate por muitos. Gálatas 3:13, Cristo nos redimiu da maldição da lei, tornando-se maldição por nós. 1 Pedro 3:18, pois também Cristo sofreu uma vez pelos pecados, o justo pelos injustos, para levar-nos a Deus.

1 João 2:2, Jesus é a propiciação pelos nossos pecados e não somente pelos nossos, mas pelos pecados do mundo inteiro. Qual é a obra que Jesus realiza em substituição penal? É morrer em nosso lugar, tomando o castigo que merecemos, para que sejamos justificados e perdoados. Isaías 53:5 e 6, pois ele foi ferido pelas nossas transgressões, ele foi moído pelas nossas iniquidades, sobre ele estava o castigo que nos trouxe a paz, e pelas suas pisaduras fomos sarados.

O Senhor fez cair sobre ele a iniquidade de todos nós. Pois até o Filho do Homem veio para dar a sua vida em resgate por muitos. Marcos 10:45, continuo voltando a isso porque é muito importante.

Cristo Jesus, a quem Deus propôs como propiciação em seu sangue. Romanos 3:24, 25, esses são lugares que mostram a obra de Jesus em nos trazer justificação por meio da substituição penal. Ao enviar seu próprio filho em semelhança de carne pecaminosa e pelo pecado, Deus condena o pecado na carne.

Romanos 8:3, por nossa causa, Deus o fez pecado, que não conheceu pecado, para que nele fôssemos feitos justiça de Deus. 2 Coríntios 5:21. Colossenses 2:13 e 14, e a vocês, Deus os vivificou juntamente com ele, perdoadando-nos todas as transgressões, cancelando o escrito de dívida que era contra nós com suas demandas legais.

Isto ele deixou de lado, pregando-o na cruz. Ele mesmo levou nossos pecados e seu corpo na cruz. 1 Pedro 2:24.

Isto é amor. Não que nós amemos a Deus, mas que ele nos amou e enviou seu filho como propiciação pelos nossos pecados. 1 João 4:10.

Voluntariedade. Jesus se entrega voluntariamente no lugar de seu povo. Ele não é coagido.

Ele derramou sua alma até a morte. Isaías 53:12. O filho do homem veio para dar sua vida em resgate por muitos.

Marcos 10:45. Eu dou a minha vida para retomá-la. Ninguém a tira de mim, mas eu a dou de minha própria vontade.

João 10:17 e 18. Então eu disse: Eis aqui estou para fazer, ó Deus, a tua vontade. Hebreus 10:7 e 9. Substituição.

Este é o cerne da questão. O filho de Deus morre no lugar dos pecadores, sofrendo a penalidade pelos pecados deles. Não preciso citar as passagens de novo e de novo, elas mostram isso claramente.

Particularidade. Alguns dos meus espectadores e ouvintes vão objetar, mas eu gostaria que eles pensassem sobre isso. Salvação e substituição envolvem eficácia, o que implica particularidade.

A expiação vicária de Cristo, seu sofrimento da penalidade que os pecadores não podem pagar, é eficaz pelas seguintes razões. Sobre ele estava o castigo que nos trouxe paz, e com suas pisaduras fomos sarados. Isaías 53: 5. Pelo seu conhecimento o justo meu servo fará com que muitos sejam considerados justos, e ele levará as iniquidades deles.

Isaías 53: 11. Cristo nos redimiou da maldição da lei tornando-se maldição por nós. Gálatas 3:13.

E a vós, Deus vivificou juntamente com ele, perdoando-nos todas as transgressões, cancelando o escrito de dívida que era contra nós com as suas ordenanças, e o anulou, cravando-o na cruz. Colossenses 2:13, 14.

Ele mesmo levou os nossos pecados e seu corpo sobre o madeiro. 1 Pedro 2:24. Cristo também sofreu pelos pecados, uma vez pelos pecados, o justo pelos injustos, para levar-nos a Deus.

Deus nos amou e enviou seu filho para ser a propiciação pelos nossos pecados. 1 João 4:10. A expiação substitutiva de Cristo é efetiva por meio de sua morte e ressurreição.

Ele realmente traz paz, cura, faz com que muitos sejam considerados justos, redime da maldição da lei, cancela o registro da dívida, carrega pecados em seu corpo, traz pessoas a Deus e é a propiciação pelo pecado. E se sua obra salvadora é substitutiva e, portanto, eficaz, há apenas duas possibilidades. Ou é universal, e todos são salvos, ou é particular, e todos os que Deus escolheu são salvos.

Universalismo é incompatível com a mensagem da Bíblia. CJI Packer, *Universalismo, Todos Serão Salvos? No Inferno Sob Fogo*, um livro que coeditei com Christopher Morgan para a Zondervan em 2004. A oposição de Packer ao universalismo ali é notável.

Se Jesus morreu uma morte substitutiva, e ele morreu, portanto, sua morte é efetiva. Se for efetiva, apenas duas possibilidades são obtidas. É efetiva para todos, universalismo, ou é efetiva para os eleitos, e somente eles serão salvos no final.

Jl Packer argumenta da mesma maneira para a expiação particular ou definida. “ Se o uso historicamente feito do modelo de substituição penal for examinado, não há dúvida, apesar de confusões ocasionais de pensamento, que parte da intenção é celebrar a decisão da cruz como em todos os sentidos a causa de obtenção da salvação. Uma vez que isso é concedido, no entanto, somos confinados a uma escolha entre o universalismo e alguma forma da visão de que Cristo morreu para salvar apenas uma parte da raça humana.”

Eu poderia acrescentar que um dos perigos da teologia sistemática é que ela separa o que Deus uniu. Como os espectadores podem suspeitar, eu sou um calvinista, mas entendo a soberania absoluta de Deus e a genuína liberdade humana de existir em tensão na Bíblia.

E assim, eu não nego a liberdade da vontade corretamente entendida. Eu me oporia a uma noção de liberdade arminiana da vontade; estou sem vocabulário aqui; talvez venha, e eu afirmaria que por causa da queda, somos incapazes de escolher Deus e que ele deve nos escolher para salvá-lo. Devemos escolher Cristo para que possamos ser, Deus deve nos escolher para nos salvar.

Mas eu afirmo tanto a soberania quanto a liberdade. O que acabei de ler é forte no lado da soberania, simplesmente porque estamos falando sobre a expiação de Cristo. Eu me oponho à liberdade libertária da vontade, que era verdadeira no Jardim do Éden, mas foi perdida na queda, ela é recuperada apenas em medida na vida cristã, mas será verdadeira na, será verdadeira na ressurreição dos mortos.

Não seremos livres para escolher o mal no cálculo final das coisas. Seremos mais livres. A verdadeira liberdade é, deve ser distinguida da liberdade de escolha.

Os seres humanos sempre têm liberdade de escolha, mas a verdadeira liberdade é aquela que nossos primeiros pais desfrutaram no jardim, a capacidade de amar, servir e conhecer a Deus. Isso foi perdido na queda, é recuperado em medida em Cristo, mas será resplandecente nos novos céus e nova terra, pois os seres ressuscitados serão totalmente santificados, 1 Tessalonicenses 5 perto do fim, e não seremos capazes de pecar. Seremos mais livres então, mas nos faltará a liberdade libertária.

Talvez isso seja o suficiente. Justificação e adoção, os aspectos legais da aplicação da salvação que correspondem à obra salvadora de Cristo como substituição penal são justificação e adoção. Vemos a primeira justificação amarrada à substituição penal em Isaías 53.

Pelo seu conhecimento, o justo, meu servo, fará com que muitos sejam considerados justos, e ele levará sobre si as iniquidades deles, versículo 11. É digno de nota que a passagem-chave da escritura sobre propiciação está situada em Romanos, de modo a fornecer a base para a justificação, Romanos 3:25 , 26. A adoção, como a justificação, é uma imagem legal da salvação aplicada.

Paulo ensina que o Pai enviou o Filho para redimir os escravos do pecado para que ele pudesse adotá-los, Gálatas 4:4 a 7. Como Paulo, na mesma epístola, descreve a redenção que traz a adoção? Como substituição penal em Gálatas 3:13, Cristo nos redime da maldição da lei ao se tornar uma maldição em nosso, por nós. Âmbito individual, corporativo e cósmico, Cristo morre como um substituto penal para indivíduos, para sua igreja, e para livrar toda a criação da maldição do pecado — relação a outras doutrinas.

Uma maneira de demonstrar a importância da substituição penal é ver sua função em relação a outras imagens da obra salvadora de Cristo. Às vezes, é usada para descrever redenção, Marcos 10:45, Gálatas 3:13. Reconciliação, 2 Coríntios 5:21.

Vitória, Colossenses 2:14, 15. E sacrifício, Romanos 3:25, 1 Pedro 2:24. Examinamos agora três imagens da obra salvadora de Cristo.

Reconciliação, onde Jesus é nosso mediador, nosso pacificador. Redenção, onde Jesus é nosso redentor, nosso libertador. E substituição, onde Cristo é nosso substituto, nosso substituto legal, que paga a penalidade da lei por nós.

Vou apenas analisar os outros três no final desta palestra para que possamos abordá-los com mais detalhes na próxima palestra. A imagem da vitória vem do domínio ou da esfera da guerra, da batalha, da luta. Nossa necessidade é que tenhamos inimigos muito mais fortes do que nós.

O diabo, seus demônios, a morte, o inferno, o mundo considerado como um sistema antagônico a Deus. Todos estes estão alinhados contra nós como inimigos mais poderosos do que nós. Cristo é nosso campeão humano divino que derrota nossos inimigos por sua morte e ressurreição.

Colossenses 2:15, Hebreus 2:14 e 15 são primordiais. Veremos que Cristo é nosso sacrifício. Ele é o grande sumo sacerdote que se oferece.

Ele é tanto um sacrifício quanto uma oferta. Nossa necessidade é de contaminação moral ou imundície que nos torna odiosos aos olhos de um Deus santo. A imagem do sacrifício sacerdotal então resulta em purificação ou limpeza para o povo de Deus.

João 1:29, Jesus é o cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo. Hebreus 9:12 e 15, A morte de Cristo nos purifica, nos limpa. A última imagem, e a menos conhecida entre os cristãos a quem ensinei, é a imagem da restauração, na qual Jesus é o segundo Adão.

A necessidade é a morte causada pela desobediência primária de Adão. O resultado é a vida, a vida eterna trazida por Cristo, o segundo e último Adão que obedece no lugar da desobediência de Adão. Dois textos primários são Romanos 5:18 e 19 e 1 Coríntios 15:22.

Então, seis grandes imagens da obra salvadora de Cristo. Há mais, mas eu as escolhi com base em sua importância e proeminência na história bíblica. Não é apenas uma menção de um desses temas uma ou duas vezes, mas eles são revelados em passagens consideráveis das escrituras, e são apresentados como o que Cristo fez para nos tornar seus e nos salvar para sempre.

Então, novamente, em nossa próxima sessão juntos, olharemos para Cristo, nosso campeão, Cristo, nosso sacrifício e sumo sacerdote, e Cristo, o segundo Adão que desfaz o que Adão fez. Muito obrigado por sua boa atenção.

Este é o Dr. Robert Peterson em seu ensinamento sobre a Obra Salvadora de Cristo. Esta é a sessão 16, Seis Imagens de Cristo, Parte 3, Substituição Penal.